

À MEMÓRIA DE EDUARDO CAMPOS

Francisco Carvalho

Morre aos 84 anos o gentil-homem Manuel Eduardo Pinheiro Campos, um dos autores mais versáteis do Ceará e, talvez, do Brasil. Radialista, jornalista, ficcionista, teatrólogo, administrador e pesquisador em diversas áreas do saber humano, inclusive nos domínios da medicina popular, Eduardo Campos esbanjou talento em todos esses misteres do seu dinamismo intelectual. Pelo seu pluralismo em diversas facetas do universo literário, poderia ser colocado na mesma dimensão de Gustavo Barroso, um dos mais completos humanistas que o Ceará já teve. Seu primeiro livro foi publicado em 1938, quando a máquina de escrever era a fina flor da tecnologia da época, a ponto de ser celebrada em sonetos de versejadores daquele tempo. Com o advento do computador, aderiu completamente à sedução da escrita eletrônica. Tãmanha a sua intimidade com as estratégias da máquina que escreve poemas, que ele próprio projetava as capas de seus livros (romances, contos, ensaios), e o fazia com o profissionalismo dos especialistas na matéria. Autor de mais de 60 livros, ex-diretor de jornais pertencentes ao grupo do legendário Assis Chateaubriand, Eduardo Campos era uma figura de personalidade sedutora. Além de notável comunicador, transitava, com brilho invulgar, em todos os níveis da sociedade. Segundo o testemunho dos que tiveram o privilégio de compartilhar de sua convivência, uma de suas prioridades no comando empresarial era o excelente relacionamento dispensado a seus funcionários. Suas iniciativas com a finalidade de expandir as empresas sob seu comando contribuíram significativamente para modernizar os padrões medíocres do desenvolvimento cultural do Estado, nas últimas décadas do século passado. Distinguiu-me com sua amizade e até mesmo com alguns conselhos no que se refere à importância da flexibilidade no cotidiano das relações humanas. Foi presidente da ACL e membro do Conselho Universitário da UFC, na condição de representante da Maternidade Escola Assis Chateaubriand, onde ocupava funções da maior relevância. Participava dos debates com a elegância que lhe era peculiar. Até mesmo quando discordava das propostas que lhe pareciam inexecutáveis. Nesta crônica singela, evoco superficialmente a figura do escritor e amigo Eduardo Campos, que sai da vida para entrar na casa de areia da eternidade. Ao mestre e amigo, que nos deixa órfãos do seu carisma pessoal, dedico estes versos de Carlos Drummond de Andrade: “Do lado esquerdo carrego meus mortos. / Por isso caminho um pouco de banda”.